



AS DIFICULDADES ENCONTRADAS POR MULHERES NA PRÁTICA DO FUTEBOL NO BRASIL

Palavras-Chave: Futebol Feminino; Mulher no Esporte; Futebol.

Autores(as):

Fernanda Ayumi Shintani dos Santos, COTIL – UNICAMP

Natan Henrique de Sousa, COTIL – UNICAMP

Raíssa Penteadó, COTIL – UNICAMP

Prof. Dr. Rafael Stein Pizani (orientador), COTIL - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O futebol é uma das modalidades esportivas mais conhecidas e praticadas no mundo, mobilizando questões econômicas e sociais. No Brasil, a modalidade faz parte da cultura do país e mobiliza multidões quando se trata do futebol masculino. Contudo, a sua prática por mulheres ainda é cercada de preconceitos, discriminação e falta de incentivo.

Mesmo com as recentes vitórias protagonizadas por atletas e entidades em prol do desenvolvimento do futebol feminino e do esporte feminino como um todo, a falta de investimento, de parcerias e de políticas públicas, bem como as relações culturais construídas em torno do papel da mulher na sociedade, ainda são problemas frequentes e contemporâneos a serem enfrentados. Embora o futebol tenha sucesso no âmbito masculino, várias questões são levantadas, há tempos, sobre a prática das mulheres, como: quais as necessidades ou mesmo interesses das empresas / clubes e do Estado para investir no futebol feminino? Qual é o papel da mídia na cobertura e divulgação do futebol feminino? O investimento em estrutura para a prática está caminhando a passos muito curtos?

Mediante tais questionamentos surge o seguinte problema: quais são as dificuldades encontradas por mulheres na prática do futebol no Brasil?

A partir desta problemática, este trabalho tem por objetivos: 1. Compreender a participação da mulher no esporte; 2. Compreender o processo de participação das mulheres no futebol, especialmente no Brasil; 3. Apresentar as dificuldades encontradas por mulheres na prática do futebol no Brasil.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, buscando trabalhos que discutem o esporte, as mulheres no esporte, bem como a participação das mulheres no futebol.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O esporte moderno tem sua origem no âmbito da cultura europeia, mais especificamente na Inglaterra, por volta do século XVIII, referindo-se, segundo Bracht (2005), a uma atividade corporal de movimento de caráter competitivo, a qual se expandiu para o resto do mundo.

Pode-se considerar o esporte como resultado de uma combinação de duas culturas corporais de movimento, sendo que a primeira passa por um processo da esportivização dos elementos da cultura corporal de movimento das classes populares inglesas (jogos populares) e a segunda conta com elementos da cultura corporal de movimento da nobreza inglesa.

No século XX, o esporte transformou-se num conteúdo hegemônico da cultura corporal de movimento em todo o mundo e a instituição esportiva aparece como forma de satisfazer necessidades ligadas ao movimento criando “[...] um sistema complexo de inter-relações entre valores de uso e regras de comportamento.” (BARTHOLO JR., 1986, p. 27 apud BRACHT, 2005, p.102).

Ao longo desse período, o esporte assumiu diversos objetivos e se tornou um fenômeno plural, cada vez mais presente em nossas vidas, dialogando com diversos interesses e pautas sociais. A participação das mulheres em modalidades e competições esportivas é um desses interesses e pautas que, presente em diversas esferas sociais, também se manifesta no esporte e em suas diversas possibilidades de prática.

Nesse sentido, a inclusão das mulheres no esporte foi um processo gradual que levou muitos anos para ser alcançado, pois enfrentaram resistência e discriminação por parte das organizações esportivas dominadas por homens, o que significa que muitas mulheres eram desencorajadas a praticar esportes por questões morais e sociais.

No Brasil, a inserção das mulheres no esporte data de meados do século XIX, mas é a partir das primeiras décadas do século XX que sua participação se amplia e adquire maior visibilidade (GOELLNER, 2005). No entanto, o discurso hegemônico da interdição ainda prevalecia, até mesmo por força de lei, como o Decreto-Lei nº 3.199, promulgado em 1941, proibindo-as explicitamente de praticar algumas modalidades esportivas, como o futebol.

De acordo com Goellner (2021), as mulheres enfrentaram descontinuidades no futebol brasileiro em diferentes momentos históricos. Após a interdição da prática em 1941, apenas na década de 1980, a regulamentação possibilitou que o futebol feminino emergisse das sombras, mas os investimentos não foram suficientes para garantir sistematicidade e reconhecimento à modalidade. A autora também menciona a expectativa de que a presença da mulher no futebol se consolidaria nos anos 1990, mas isso não ocorreu devido a fatores como a falta de apoio financeiro e a discriminação de gênero.

O Brasil sempre se destacou por ser um dos países com maior número de praticantes e espectadores do futebol. Por mais que exista essa enorme identificação por parte dos brasileiros, muitas vezes ela está restrita ao futebol masculino, visto que a prática desse esporte pelas mulheres não possui a mesma relevância e é pouco valorizada, sendo marcada por conflitos sociais e falta de oportunidades. Conforme pontuado por Sousa (2022, p. 11), “falar do futebol feminino é falar de preconceito e desigualdade, de um lado, e persistência e resistência, de outro.” Diante desse contexto, devemos pensar sobre quais são as dificuldades encontradas pelas mulheres para a prática do futebol.

A questão do preconceito sofrido pelas mulheres deve ser destacado como um problema a ser enfrentado. Roque (2020) afirma que as mulheres sempre tiveram dificuldades quando se trata de igualdade de gênero, um dos motivos, dizendo historicamente, é porque são vistas como um ser frágil e dependente, com poucas oportunidades para provar ao contrário.

Furlan e Oliveira (2023) destacam como principais preconceitos sofridos por jogadoras: o distanciamento da feminilidade tradicional, à masculinização da mulher e a associação das jogadoras com a homossexualidade e os preconceitos consequentes dessa associação. Muitas pessoas enxergam o futebol como um esporte “masculino”, dessa forma as mulheres que praticam esse esporte são frequentemente chamadas de “mulher macho” e “sapatão”, por exemplo, em uma tentativa de rebaixá-las.

Como consequência de todo esse preconceito, o futebol feminino sofre um atraso gigante quando comparado ao masculino. A falta patrocínio é um problema enorme, os investimentos dos clubes em estrutura e materiais no futebol feminino é muito menor em comparação com o masculino. As atletas muitas vezes não possuem uma alimentação adequada, uniformes para treinar e jogar e em alguns casos nem mesmo banheiros ou vestiários. Essa diferença fica ainda mais evidente quando comparamos o valor do prêmio dos campeonatos femininos e masculinos. Segundo uma jogadora entrevistada por Sousa (2022), os meninos ganhavam 3000 reais, enquanto as meninas 1000, 1200 reais como premiação dos torneios.

Essa diferença não se resume apenas às premiações, mas também nos salários das atletas, muitas vezes as jogadoras recebem menos e enfrentam a falta de patrocínio das grandes marcas esportivas, que justificam que o futebol feminino não é tão popular como o masculino. De acordo com pesquisas realizadas por Roque (2020), mulheres, mesmo quando comparadas com jogadores da série B ou séries inferiores, ganham cerca de 118% a menos.

O número de mulheres em cargos de destaque dentro dos clubes também possui uma discrepância gigantesca. Somente em 2012 a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) contratou a primeira mulher, Emily Lima, para assumir uma seleção brasileira principal.

Depois dela, houveram outras mulheres contratadas para cargos de liderança dentro do futebol. Entretanto, a diferença segue sendo gritante. Uma pesquisa realizada por Passero et al. (2020) sobre a frequência de homens e mulheres em cargos da comissão técnica entre 2013 a 2019 no Campeonato

Brasileiro de Futebol Feminino revelou uma predominância masculina em todos os cargos. Por exemplo, treinadores homens apareceram com uma frequência de 83% contra 17% em relação às mulheres; Auxiliares técnicos homens apareceram com 78% contra 22% em relação às mulheres; e treinadores de goleiros apresentaram a maior diferença, 95% de homens contra 5 % de mulheres.

Por conta da pouca quantidade de mulheres em cargos da comissão técnica e de todas as dificuldades enfrentadas, muitas mulheres são desestimuladas a jogar profissionalmente e acabam praticando o esporte por lazer.

Segundo Furlan e Oliveira (2023) as mulheres que praticam somente por lazer em algum momento foram desmotivadas a realizar o esporte e conseqüentemente não desenvolveram as habilidades que um bom desempenho exige. Em uma pesquisa realizada pelas autoras, 78% das entrevistadas já participaram de alguma competição de futebol. Entretanto, apenas 7% delas já participaram de competições profissionais. Além disso, elas ressaltam que a maioria dessas competições eram sem remuneração ou com baixa remuneração, houve unicamente um caso no qual a jogadora relatou receber um valor significativo exclusivamente em caso de vitória.

CONCLUSÕES:

Levando-se em conta o que foi observado sobre o futebol feminino no Brasil é possível afirmar que a desigualdade de gênero se aplica nos esportes também, fazendo com que as mulheres enfrentem dificuldades diárias para exercer a prática, como por exemplo a falta de investimento dos clubes, que intensifica a desigualdade entre as estruturas disponibilizadas para o futebol feminino e o masculino. Outro problema está na diferença de salários, premiações e patrocínios que as atletas recebem em comparação com os homens, que ganham valores mais altos. Todos esses obstáculos que devem ser superados pelas mulheres são desencadeados pelo preconceito de que o futebol não é feito para as mulheres já que afetaria sua feminilidade, tornando-as “menos mulheres” e causando uma discriminação com a orientação sexual das jogadoras. Esta concepção é derivada da cultura machista da sociedade que dificulta a prática feminina do futebol.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Natália Figueirêdo de. **Futebol feminino e suas representações: revisão narrativa sobre dificuldades relacionadas a prática do futebol**. 2018. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2018.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. (Coleção educação física).

DETONI, H. O.; AGGIO, Marina Toscano; FIGUERÔA, Kátiusca Mello. **Futebol feminino brasileiro e as dificuldades encontradas nesse subcampo esportivo**. 2022.

DO NASCIMENTO, V. C., LEITE, M. A. Adesão, permanência e dificuldades encontradas por mulheres, da cidade de Limoeiro do Norte no futsal: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 35, n. Especial, p. 83-91, 2021.

FEIJÓ, C. **Futebol feminino**: apontamentos sobre motivações e dificuldades para uma equipe desta modalidade. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FURLAN, Cássia Cristina; OLIVEIRA, Mayara Teodoro de. “Lugar de mulher é onde ela quiser”: futebol feminino e (in)visibilidades das mulheres no cenário brasileiro. *Esporte e Sociedade*. Niterói, n. 37, p. 1-25, 2023.

GOELLNER, Silvana V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

_____. Mulheres e Futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, v. 27, p. e27001, 2021.

PASSERO, J. G. et al. Futebol de Mulheres Liderado por Homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. **Movimento**, [S. l.], v. 26, p. e26060, 2020.

ROQUE, Lorena Aparecida de Oliveira. **As dificuldades encontradas no futebol de campo feminino no Brasil**. 2020. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física), Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/Goiás. GOIÂNIA.

SOUSA, Juliana Bezerra. **Futebol é coisa de quem quiser?** uma análise da inserção feminina na prática esportiva. 2022. 38 f. Monografia (Graduação em Educação Física), Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis, 2022.